

6 com. Brasil

# Malan prevê crescer 4% em 96

GAZETA MERCANTIL

5 JAN 1996

O ministro garante a manutenção da atual política cambial para este ano

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, garantiu ontem que a política cambial não muda e rebateu críticas do ex-ministro da Fazenda e deputado Delfim Netto (PPB-SP), de que o câmbio estaria sendo mantido de forma artificial, a um custo enorme para o País. Malan afirmou que a crítica do parlamentar está superada e que o comentário só teria razão de ser se fosse feito no segundo semestre de 1994, informou a Agência O Globo.

"Eu acho que essa observação do deputado está superada pelos eventos. Ela talvez tivesse sua razão de ser lá na segunda metade de 1994, mas hoje não mais. Tanto é que são muito poucas as reclamações dos exportadores a esse respeito. O tema é vasto, é complexo e eu só queria fazer um comentário: nós não vamos voltar à época em que tínhamos o câmbio subvalorizado para compensar nossa incompetência ou deficiências em termos de redução de custos de produção de bens e serviços no Brasil. Isso vale para infra-estrutura, custos tributários, taxação sobre a atividade empresarial, taxação de exportações, coisas dessa natureza", disse Malan.

O ministro disse que é preciso corrigir esses fatores que prejudicam a competitividade das exportações e não voltar a indexar a taxa de câmbio à inflação.

"Não podemos usar, como no passado, o câmbio subvalorizado e indexado, em base diária. A taxa de inflação incorrida. Esse era um mecanismo de compensação da nossa incapacidade de agir onde é fundamental, que são ações que levam ao aumento da produtividade média da economia brasileira e ao aumento da nossa capacidade de competir, tanto nos mercados externos quanto internamente, com os produtos importados.

Em entrevista ao programa "Telemanhã", da TV Brasília - retransmissora da Rede Manchete no Distrito Federal -, Malan previu que a inflação em 1996 ficará abaixo dos 20%, índice médio registrado no ano passado. Malan disse ainda que o Plano Real não está consolidado e seu sucesso depende da aprovação de reformas que tramitam no Congresso Nacional.

"O Congresso teve um desempenho excepcional em 1995 e estou confiante



Pedro Malan

de que também o terá em 1996, ao aprovar o Fundo de Estabilização Fiscal (FEF), e as reformas previdenciária, administrativa e tributária. Estou confiante de que esse processo terá lugar e que isso, junto com mudanças na legislação e com o nosso continuado esforço do ajuste fiscal, o governo federal, estados e municípios, nós estaremos caminhando para consolidar o Plano Real ao longo de 1996, 1997 e 1998", informou Malan.

O ministro previu que a taxa de crescimento da renda real per capita ficará em torno de 4%, podendo ser ligeiramente superior a esse índice. Segundo Malan, a taxa irá repetir o percentual registrado em 1995, mas com o comportamento inverso. O ministro lembrou que nos pri-

meiros meses de 1995 houve um superaquecimento da economia, fato que não se repetirá no primeiro trimestre de 1996.

"Enquanto em 1995, nós iniciamos o ano com a economia claramente aquecida, com essa taxa desacelerando ao longo do ano passado, em 1996 será o contrário. O primeiro trimestre de 1996 será comparado ao mesmo período de 1995, que foi excepcional. Portanto, em 1996, o crescimento terá lugar ao longo do segundo, terceiro e quarto trimestre", afirmou o ministro.

Malan previu que a inflação em 1996 ficará abaixo dos 20%, que foi a variação média dos índices de preços no ano passado: "Não há a menor dúvida. Nós vamos ter em 1996 uma taxa de inflação inferior à registrada em 1995, que na média dos principais índices ficou abaixo dos 20%. A mais baixa que este País tem há quase um quarto de século e, segundo alguns indicadores, a mais baixa desde 1957", disse Malan.

Sobre desemprego, Malan disse que se trata de um problema grave e que não acontece apenas no Brasil. Segundo o ministro, o desemprego afeta, há

anos, a Europa e tem a ver com o nível de atividade e investimento da economia em bases sustentáveis.

"Este período de adaptação, com a concorrência com produtos importados, também influi no desemprego. A economia brasileira era uma das mais fechadas do mundo e está-se abrindo, mas, em termos comparativos, ela ainda é fechada. Tem a ver também com as mudanças tecnológicas que operam a mais longo prazo, que levam no mundo como um todo a uma redução da necessidade de mão-de-obra por unidade de trabalho devido à mudança tecnológica", disse o ministro.

Este ano será marcado pelo início da virada na economia nacional, disse Malan, ressaltando que os acordos entre a União e os estados, para a realização imediata do ajuste fiscal, possibilitam esta mudança.

Malan assegurou também que no ano passado foi o primeiro período em que a taxa de inflação foi civilizada e serviu de aprendizado no processo de consolidação da economia. Segundo o ministro, operar com inflação baixa é uma mudança cultural significativa.